

Investigadora colaboradora en el Proyecto CAI+D: “Ciudades Creativas: aportes a la Enseñanza del Arte y el Diseño”. Jefe de Trabajos Prácticos en las cátedras “Taller de Diseño Básico” y “Taller de Proyecto Arquitectónico I”; Coordinadora Académica de la Tecnicatura en Interiorismo y Decoración (modalidad a distancia);

Coordinadora Académica de la Tecnicatura en Composición de Parques y Jardines (modalidad a distancia); Coordinadora Académica del Ciclo de Licenciatura en Artes Visuales (modalidad distancia). En lo profesional, Arquitecta con Matrícula Habilitante en CAPSF D1 N° 06622.

Reflexões sobre a construção do imaginário urbano

Actas de Diseño (2021, julio),
Vol. 37, pp. 154-156. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2020
Fecha de aceptación: diciembre 2020
Versión final: diciembre 2021

Laura Gouvêa e Cláudia Mont'Alvão (*)

Resumo: O ensaio pretende levantar reflexões sobre a relação afetiva entre as pessoas e os espaços públicos de uma cidade. Como se dá a construção do imaginário humano? E como as relações afetivas com os espaços construídos acontecem? Estas questões podem soar um tanto quanto sutis, no entanto são de extrema importância para que possamos compreender melhor a relação da humanidade com a cidade. A diversidade, extremamente presente nos espaços públicos e nos seus respectivos habitantes, complexifica e enriquece o debate sobre o tema abordado, visto que o mesmo está em constante transformação. Portanto, os autores utilizados para o embasamento teórico do trabalho a ser apresentado, são de áreas distintas, reafirmando assim a importância da interdisciplinaridade quando tratamos de estudos que envolvem cidade e sociedade.

Palavras chave: Interdisciplinaridade - Memória - Simbolismo - Sociedade - Urbanismo

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 156]

Introdução

O presente trabalho é um breve ensaio sobre a interferência da memória afetiva na relação de uma determinada população com o espaço público da sua cidade. O tema abordado é relevante na atualidade e vem se apresentando cada vez mais nos debates acadêmicos, uma vez que o entendimento simbólico e afetivo do espaço, e a relação do usuário com o mesmo, passam a ser áreas investigadas. Além disso, é um tema de grande importância para o crescimento da abrangência do Design no mundo contemporâneo, já que o aproxima de áreas afins que o complementam, como o Urbanismo.

Memória afetiva

Quando conhecemos um determinado lugar, nossos sentidos entram em ação. Inicialmente e conscientemente criamos uma imagem mental deste cenário que estamos vendo. Através da visão, podemos identificar os elementos que o compõem e perceber todas as ações que estão sendo exercidas ali pelas outras pessoas. A partir deste contato inicial com o espaço, uma identidade é gerada e armazenada juntamente com uma imagem, uma espécie de fotografia mental. No entanto, inevitavelmente e in-

tuitivamente, nossos outros sentidos, que também foram acionados, registraram mentalmente suas impressões. Seria, então, uma espécie de filme a nossa memória? Seria se não criássemos em cima do que percebemos e do que sentimos. Nossas sensações são automaticamente qualificadas de acordo com nossos conhecimentos prévios durante a sua percepção. É este o mecanismo de construção do imaginário, que neste caso, se trata do imaginário urbano. A cultura do lugar influencia o observador, a cultura do observador influencia a criação do imaginário, e o imaginário influencia a cultura do lugar. É um ciclo, uma troca constante, onde todos os elementos envolvidos são influenciadores e influenciados. As cidades estão recheadas de histórias, de simbolismos e de vicissitudes. E é natural do homem criar laços afetivos, com pessoas, com coisas e com lugares. Os aspectos cognitivos estão sempre presentes quando falamos de memórias afetivas, e estas estão sempre contextualizadas no espaço, espaço este criado e repleto de interferências. Para que haja interesse por parte dos usuários em utilizar um determinado espaço, é fundamental que exista um vínculo, seja ele consciente ou não.

Temos a oportunidade de formar o nosso novo mundo cidadão como sendo uma paisagem ideal: visível,

coerente e clara. Será necessária uma nova atitude da parte do habitante citadino, dando novas formas ao meio físico que domina, formas essas que agradam à vista, que se organizam gradualmente no tempo e no espaço e que podem ser símbolos representantes da vida urbana. Existem funções fundamentais que podem ser expressas pelas formas de uma cidade: circulação, aproveitamento dos espaços mais importantes, pontos-chave focais, sobretudo se o meio ambiente está visivelmente organizado e nitidamente identificado, poderá então o habitante dá-lo a conhecer, por meio dos seus próprios significados e relações. (Lynch, 1979, p. 20)

Uma população deve se sentir parte do espaço, pois é através dela que este existe e possui suas funções. Deve se sentir criador e modificador. O vínculo afetivo do usuário com o espaço faz com que o mesmo se envolva e se sinta dono e responsável por aquele lugar. Este papel do usuário é fundamental para que uma cidade cresça e se desenvolva da melhor maneira possível.

O espaço público, como disse Lynch, é composto por suas formas físicas que direcionam fluxos e que organizam funções, mas é também moldado pela população que o habita. É importante compreender essa relação bilateral entre projeto e uso, entre o que cria e o que modifica, entre o desenho e o habitar. E é a partir dessa relação que surgem os simbolismos, a afetividade, o imaginário. Assim como criamos mentalmente a identidade de uma pessoa que conhecemos, também o fazemos com os ambientes construídos.

Simbolismos urbanos

Quando os urbanistas projetam um espaço, diversos tipos de elementos são utilizados para transmitir o conceito idealizado ou a informação desejada. Elementos estes que, quando em contato com o usuário, ajudarão na construção da imagem mental do mesmo. Vale destacar aqui a importância e seriedade do desenvolvimento de um projeto urbano, como um processo que exige estudo, trabalho e responsabilidade. Não devemos confundir qualquer “boa ideia” como sendo fruto de uma iluminação divina ou de qualquer espécie de genialidade. Boas soluções são fruto da sensibilidade e da atenção do projetista para com seus usuários.

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (Marx, 1985, p. 149-150).

Pode-se dizer que é através do contato de uma pessoa com o espaço urbano que se inicia um processo imagético do espaço. No entanto, a personalidade do lugar só passa a existir pela vivência, pela urbanidade. Com isso, a identidade que se estabelece desperta interesse no observador e a partir de então o mesmo desenvolve uma espécie de vínculo emocional. Pode soar um tanto quanto estranho falar de afetividade entre pessoas e lugares, mas é exatamente o que acontece diariamente em cada lugar do mundo, e com cada pessoa.

No caso dos espaços públicos de lazer como as praças por exemplo, é provável que não haja uma concordância no imaginário das pessoas com relação a este elemento urbano. O que será que significa a palavra praça para a população contemporânea? A praça talvez seja um dos mais importantes conectores da população com o espaço urbano. Quando este vínculo se rompe, temos um afastamento não só físico, mas também afetivo, destes dois elementos. Não ter laços com o espaço público talvez seja um grande problema atual.

Na sua relação com seu conteúdo, a forma urbana suscita uma contradição (dialética) já indicada, que agora é preciso aprofundar. Como dissemos, no espaço urbano sempre ocorre algo. O vazio, a ausência de ação, só podem ser aparentes; a neutralidade não passa de um caso limite; o vazio (uma praça) atrai; ele tem esse sentido e esse fim. (Lefebvre, 1999, p. 121)

O ideal pensado pelo urbanista é fruto de seu imaginário, construído através das suas vivências sociais e culturais. Quanto maior for a importância do conceito de um projeto dentro da sua imagem individual, mais próximo do que se considera ideal o resultado será. Os espaços que despertam nas pessoas lembranças adquirem um valor simbólico, intangível e individual. No entanto, quando um determinado grupo de indivíduos, com uma certa importância dentro da sociedade, atribui um alto valor a um determinado lugar, este se torna desejado por todos, até mesmo por aqueles que não possuem nenhum tipo de relação afetiva com o próprio.

Existe um interesse constante no que é do outro, no país do outro, na cidade do outro, na praça do outro. Muitas vezes, a praça da sua própria cidade não é atraente, não tem valor simbólico e, portanto, não recebe a atenção devida. São espaços atualmente valorizados apenas por uma minoria da sociedade, que tem o privilégio de compreender a importância dos mesmos. Por quê quando uma pessoa viaja, ela visita todas as igrejas, experimenta comidas típicas e se torna mais sociável, enquanto em seu bairro, ela sequer mostra interesse pelo local? Será que estar em um lugar onde não há nenhum tipo de vínculo emocional permite ao visitante mudanças comportamentais?

Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais (como sugere Bourdieu), uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas. Esse princípio ajuda a explicar o apoio que os mapas da Inglaterra renas-

centista deram ao individualismo, ao nacionalismo e à democracia parlamentar em detrimento dos privilégios dinásticos. (Harvey, 2002, p. 225).

Considerações finais

É possível perceber que os autores apontados durante o texto, ainda que em momentos históricos distintos, se aprofundam e destacam como sendo uma temática importante o entendimento das relações das sociedades com as suas respectivas cidades. São trocas complexas, que se modificam à medida em que a sociedade se transforma e expressa novas necessidades, e, por isso, demandam novos estudos e atualizações constantes dentro das academias.

A interação entre o Urbanista e o Designer já acontece na produção de vários elementos que compõem o espaço, como sinalização e mobiliário por exemplo. É provável que essa troca se intensifique ainda mais diante dos avanços tecnológicos que estão surgindo envolvendo os espaços públicos e que, ao que tudo indica, irão se fazer cada vez mais presentes e necessários nos projetos de cidades e na conexão desta com a sociedade.

Ficam aqui, portanto, questionamentos impulsionadores para o crescimento do interesse em pesquisar a temática apresentada. Explorar a relação afetiva e simbólica do usuário com o espaço urbano é de grande relevância para a academia e para a sociedade em geral, afinal é de amplo interesse a investigação de temas que envolvam a cidade e a sociedade, visando proporcionar melhorias.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da PUC-Rio e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

- Harvey, D. (2002) *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
 Lefebvre, H. (1999) *A revolução urbana*. São Paulo: Humanitas.
 Lynch, K. (1979) *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
 Marx, K. (1985) *O capital: crítica de economia política*. São Paulo: Abril Cultural.

Abstract: The essay aims to raise reflections on the affective relationship between people and public spaces in a city. How does the construction of the human imaginary take place? And how do affective relationships with built spaces happen? These questions may sound somewhat subtle, however they are extremely important for us to better understand humanity's relationship with the city. Diversity, extremely present in public spaces and in their respective inhabitants,

complexifies and enriches the debate on the topic addressed, as it is constantly changing. Therefore, the authors used for the theoretical basis of the work to be presented, are from different areas, thus reaffirming the importance of interdisciplinarity when dealing with studies involving the city and society.

Keywords: Interdisciplinarity - Memory - Symbolism - Society - Urbanism

Resumen: El ensayo tiene como objetivo plantear reflexiones sobre la relación afectiva entre las personas y los espacios públicos de una ciudad. ¿Cómo se produce la construcción del imaginario humano? ¿Y cómo se dan las relaciones afectivas con los espacios construidos? Estas preguntas pueden parecer algo sutiles, sin embargo, son extremadamente importantes para que podamos comprender mejor la relación de la humanidad con la ciudad. La diversidad, extremadamente presente en los espacios públicos y en sus respectivos habitantes, complejiza y enriquece el debate sobre el tema abordado, ya que está en constante cambio. Por tanto, los autores utilizados para la base teórica del trabajo a presentar son de diferentes áreas, reafirmando así la importancia de la interdisciplinaria a la hora de abordar estudios que involucran a la ciudad y la sociedad.

Palabras clave: Interdisciplinaria - Memoria - Simbolismo - Sociedad - Urbanismo

(* **Laura Gouvêa:** Mestra em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013), com financiamento CAPES, pesquisando Ergonomia do Ambiente Construído. É Bacharel em Arquitetura e Urbanismo (2009) pela mesma instituição, como monografia sobre Sistemas de Construção Flutuantes. Ainda durante a graduação, foi bolsista PIBIC pesquisando tetos verdes. De 2014 a 2019, trabalhou como arquiteta e coordenadora de equipe no escritório Siqueira+Azul Arquitetura, no setor residencial. Atualmente está cursando Doutorado em Design pelo programa de pós-graduação da PUC-Rio, trabalha como arquiteta autônoma na Côncavo Arquitetura e tem interesse nas áreas de Arquitetura, Urbanismo, Design e Ergonomia. **Claudia Mont'Alvão:** Possui graduação em Desenho Industrial, Projeto de Produto, pelo Centro Universitário da Cidade (1994), Mestrado e Doutorado em Engenharia de Transportes pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997 e 2001). Atualmente é Professora Associada do Programa de Pós Graduação em Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PPGDesign PUC-Rio. Desde 2002 atua como Coordenadora do Laboratório de Ergodesign e Usabilidade de Interfaces (LEUI/PUC-Rio). Como atividades decorrentes da atuação no LEUI/PUC-Rio é coordenadora geral dos eventos ERGODESIGN & USIHC (desde 2000) e editora-chefe da Revista Ergodesign & HCI (lançada em 2013). Contribui ainda como consultora ad hoc de várias agências de fomento, tais como CNPq, FAPESP e FAPEMIG. Tem como interesse de pesquisa o estudo e a aplicação da Ergonomia nas áreas de informação/advertências, interação humano-computador, ambiente construído e sistemas de transportes. Bolsista de Produtividade do CNPq nível 2 (2015-2017/ 2018-2020)